

Palestra do Guia Pathwork® n° 123
Palestra não editada
3 de abril de 1964

LIBERAÇÃO E PAZ PELA SUPERAÇÃO DO MEDO DO DESCONHECIDO

Saudações, meus caríssimos amigos. Bênçãos esta noite para cada um de vocês. Abençoados sejam os seus esforços rumo ao autodesenvolvimento, à liberação e à realização pessoal. Apesar da recente interrupção, eu gostaria de prosseguir com a última série de palestras.

Uma das agruras fundamentais do homem é sua luta para superar a dualidade entre vida e morte. Dessa questão difícil básica derivam todos os outros problemas, dificuldades, medos e tensões com as quais o homem se debate. Quer se manifeste como medo direto da morte nas ocasiões em que o homem se vê diante dela, ou como medo do envelhecimento, ou como medo do desconhecido em qualquer forma, trata-se sempre do medo da passagem do tempo. Todas essas são manifestações do mesmo núcleo.

Para apaziguar esses medos, o homem criou filosofias – conceitos filosóficos, espirituais, religiosos. Mas enquanto ele adota conceitos, mesmo que sejam resultado da verdadeira experiência de uma pessoa que procura transmiti-los, a tensão real não é aliviada. O único meio de efetivamente superar essa dificuldade é investigar o primeiro desconhecido que o homem tanto teme e que em última análise leva à superação da grande dualidade, e que é sua própria psique. Isso parece mais simples do que realmente é. Explorar os recantos desconhecidos da própria mente não é, absolutamente, uma simples questão de ou/ou. Muitos percorrem ardentemente a via da autoexploração, porém fogem de determinadas facetas do eu mais profundo. Nesse caso, a tensão e perturbação daí resultantes são superficialmente explicadas por razões externas. No entanto, eles estão “no caminho”. Podem até ter feito um progresso considerável e resolvido determinadas facetas de seus conflitos anteriores, porém ainda desconhecem vastas áreas da psique.

Na medida em que vocês estão inconscientes do que se passa em seu íntimo, fatalmente existe o medo da passagem do tempo, o medo do “grande desconhecido”. Quando a pessoa é jovem, esses medos podem ser atenuados. Ela pode não ter conhecimento de sua existência, exceto em épocas de perigo. Mas mais cedo ou mais tarde todo ser humano acaba se confrontando com o medo direto da morte. Quero frisar outra vez que, na medida em que o homem conhece a si mesmo, ele preenche sua vida, a si mesmo, a seus potenciais latentes. E nessa mesma medida a morte não é temida, mas sim sentida como um desdobramento natural. O fator desconhecido deixa de ser uma ameaça.

É esta luta que este caminho de autoconhecimento representa, meus amigos. As áreas de fuga, mesmo no marco deste caminho, são variadas demais para serem enumeradas. É somente a sua vontade incessante e a veracidade implacável consigo mesmos para ver, avaliar, compreender, conectar-se e unificar-se que acaba por gerar cada vez mais resultados a esse respeito.

Um dos grandes fatores para superar o medo da morte é superar o medo de desfazer-se das barreiras que separam vocês do sexo oposto. Enquanto essas barreiras existirem, inevitavelmente existirá um medo da morte em igual proporção. Existe uma ligação muito direta, meus amigos, entre

o medo do próprio inconsciente, o medo de amar o sexo oposto e o medo da morte. A ligação entre os dois primeiros começa a ser assimilada por vocês, enquanto a terceira parte da tríade ainda pode ser uma ideia nova. Contudo, ela deixará de ser uma teoria inusitada depois que vocês mesmos sentirem a conexão no esforço de autoconhecimento. Nesse momento, saberão que estas palavras são verdadeiras.

Se vocês realmente entenderam o teor da última palestra, vão ver que a autorrealização depende de vocês se preencherem como homens ou, respectivamente, como mulheres. Vocês não podem se preencher, em última análise, sem superar a barreira entre vocês e o sexo oposto, tornando-se assim verdadeiramente homens ou mulheres. É claro que também há outros aspectos da autorrealização ou sua ausência. O homem pode estar inconsciente de determinados potenciais que possui, de seus talentos, de sua força, de todas as boas qualidades que lhe são inerentes, de sua coragem e engenhosidade, da amplitude de sua mente, da criatividade de seu espírito. Mas nenhum desses aspectos pode desenvolver-se de fato em seu esplendor próprio se o homem não se tornar verdadeiramente um homem e a mulher se tornar verdadeiramente uma mulher. A autorrealização que ocorre quando persiste a barreira à união com o parceiro somente pode ser parcial e condicional. Pois essa barreira indica uma barreira a áreas do eu que a pessoa evita explorar e entender. Indica uma resistência à identidade plenamente desenvolvida e uma insistência num infantilismo artificial. Esse estado parasita e alimentado impede a liberação e a superação do medo que é um produto da dualidade.

Quando desaparece toda resistência às áreas desconhecidas do eu e, portanto, a pessoa já não teme a si mesma, ela não pode temer outros seres humanos, o sexo oposto. Uma grande liberdade e confiança interiores, nascidas do realismo objetivo, retira a pesada garra que atrapalha a passagem para o estado de ser. Quando o homem se preenche, deixa de haver uma barreira, deixa de haver a manutenção do medo do desconhecido, a desconfiança em relação ao eu e ao outro. É essa mesma manutenção que impede o homem de entrar na corrente cósmica da atemporalidade que ele sente na maior ventura da união com o parceiro e também na maior ventura do que o homem chama de morte.

A morte tem muitas facetas. Para os que têm medo, firmemente apegados ao pequeno eu, a morte pode ser sentida como temível afastamento e separação. Mas para aqueles que não têm medo de viver plenamente, de buscar o que está fora e não mais preservar o pequeno eu, a morte é a glória que a união nesta terra pode ser, e mais ainda! Portanto, a luta pela autorrealização, em última análise, significa o seguinte. Primeiro vem a eliminação das barreiras entre a sua consciência e as áreas ocultas da sua psique. Essas áreas ocultas nem sempre estão encobertas, inconscientes – muitas vezes, estão bem diante dos olhos de quem quiser enxergar. Elas não estão fora da visão. Apenas parece que estão. Em segundo lugar vem a remoção das barreiras entre a pessoa e o parceiro, seja ele ou ela quem for num determinado momento. E a barreira seguinte é entre vocês e a corrente cósmica. Sempre que essa corrente os leva, vocês vão ver que isso é certo. É o que funciona nessa etapa do seu ser. É natural. Mas o homem, por medo de si mesmo e do outro e, portanto, da corrente do ser, não confia na passagem do tempo. Ele segura com seu pequeno eu e quer determinar a partir dele. Assim, ele cria uma parede de nuvens entre sua consciência superior e sua consciência momentânea.

Há muito tempo, eu expliquei que os três entraves básicos, principais, são o orgulho, a vontade do eu e o medo. Procurei mostrar como todas as falhas, e mais tarde todos os problemas,

confusões, distorções, conflitos e equívocos derivam do orgulho, da vontade do eu e do medo, de uma forma ou de outra. É essa mesma tríade que constitui a barreira às três facetas da autoexpansão que acabei de expor. Vamos examinar a questão mais de perto.

Primeiro vem a barreira entre a consciência e o que existe na mente inconsciente, o orgulho. Ela impede o caminho porque vocês talvez não gostem do que vão descobrir. Pode não ser lisonjeiro e ser incompatível com a autoimagem idealizada. Mesmo que o resultado da descoberta acabe não sendo depreciativo, vocês têm medo que seja. A importância de ser visto com admiração os faz adotarem normas e valores dos outros, cuja aprovação buscam obter. Isso gera um bloqueio de orgulho, uma parede, uma nuvem que atrapalha o *insight*.

A vontade do eu barra o caminho devido à apreensão de que o que vão descobrir os obrigue a fazer algo que o pequeno eu não está disposto a fazer, a renunciar ou a assumir um estilo de vida que parece desagradável, muitas vezes simplesmente por ser novo e não familiar. A vontade do eu quer que o pequeno ego fique no controle, e por isso se agarra ao já conhecido. O medo barra o caminho na medida em que tanto o orgulho como a vontade do eu indicam uma falta de confiança, acreditando que a realidade final não é merecedora de confiança. A realidade cósmica, impregnada no seu inconsciente profundo e existente na corrente de eventos cósmicos, se entrarem nela, não pode senão ser benigna, trazendo felicidade, realização e sentido. Duvidar desse fato e, portanto, ficar com o que vocês já sabem, na crença de que vão se sair melhor assim do que correndo o risco de entrar no desconhecido, gera paredes de medo. É esse medo que bloqueia o pleno autoconhecimento.

A tríade de orgulho, vontade do eu e medo aplicada à barreira entre o eu e a perda do eu no amor com um parceiro é evidente. O orgulho se aplica porque, no caso de homens e mulheres, vocês temem a aparente impotência, e portanto a vergonha, de se entregarem a uma força de experiência maior que o pequeno eu. O amor entre os sexos é uma experiência de humildade e como tal, oposta ao orgulho. O seu orgulho quer dirigir e controlar. Ele não quer ceder a nenhuma força, mesmo que essa força seja a mais desejável. É mesmo que vocês e outra pessoa passem pela vida desejando essa experiência e ao mesmo tempo a bloqueando e descobrindo formas e meios de encontrar uma solução de meio termo entre os impulsos contraditórios da alma. A força que os leva para essa experiência é de fato forte, pois deriva de sua natureza mais profunda. O segundo impulso derivado de orgulho, vontade do eu e medo os empurra para a direção oposta. A vontade do eu também se opõe à experiência porque quer todo o controle. Ela não renuncia. Vocês têm a impressão errônea de que somente se obedecerem e forem regidos pelo pequeno eu estarão seguros. Temem, sem razão, que entregar-se àquela força é a mesma coisa que cobiça destemida e irrefletida, falta de racionalidade e de realismo. Não é assim, como eu já ressaltéi muitas e muitas vezes. Realismo, objetividade, capacidade de renúncia e disposição sem medo de aceitar a grande experiência não são apenas compatíveis, são também interdependentes. Vocês bloqueiam a experiência por medo de perderem a dignidade – portanto, orgulho – e a identidade – portanto, vontade do eu – quando na realidade a verdadeira dignidade e identidade somente podem ser conquistadas por quem renuncia ao orgulho e à vontade do eu.

O medo de perder a segurança em relação à própria vida não é muito diferente do medo que bloqueia a experiência venturosa do esquecimento do eu na união com um companheiro. Alguns de vocês talvez já tenham percebido a semelhança, pelo menos ocasionalmente.

A tríade do orgulho, vontade do eu e medo se aplica a atitude da pessoa em relação à morte, de maneira muito parecida com sua atitude para com a experiência do amor com um parceiro, mas de forma muito mais acentuada. Morrer significa renunciar à autodireção final; e isso, por estranho que possa parecer, de certa forma parece ser humilhante. Para evitar a humilhante verdade de que o pequeno eu não é todo poderoso, o homem se apega a ele, por orgulho e vontade do eu, criando assim ondas cada vez mais violentas de medo.

Para superar essa dualidade errônea, em particular o conflito entre renunciar ao eu e estar de plena posse do eu, vou dizer o que pode parecer um paradoxo. Vocês trabalham neste caminho de autoconhecimento a fim de serem capazes de renunciar a si mesmos – na união com o outro sexo, e também na morte. Vocês não podem renunciar àquilo que não tiverem encontrado. Não podem abrir mão livremente de algo que de fato nunca possuíram. É somente quando vocês podem renunciar livremente que ganham mais: a sua identidade.

Agora, pode-se perguntar: se a morte, ou o ato de morrer, ou o estado de morte, ou estar morto pode ser uma experiência tão venturosa, por que então sua percepção é tão ensombrecida? Por que não existe um instinto que leve para ela, como por exemplo o forte instinto no sentido de perder-se no amor? Por que ela é bloqueada sem a ajuda de impulsos instintivos, exigindo assim um árduo trabalho para vencer a barreira? Vocês podem perguntar “Por que nós, nesta terra, precisamos lutar contra esse grande desconhecido?” À primeira vista, essas perguntas parecem justificadas e lógicas, mas a um exame mais atento, vocês vão entender que precisa ser como é. Vejam, meus amigos, a confusão: seria tão fácil desejar a morte porque vocês não conseguem lidar com a vida, porque a vida é dolorosa e insatisfatória. Nesse estado inacabado, ignorante e cego de ser, sentindo terror diante da vida e sem vontade de lidar com os problemas que ela coloca, vocês fugiriam muito facilmente para a morte, mesmo que, nesse caso, a morte não fosse proporcionar uma experiência diferente da vida – pois ambas são intrinsecamente a mesma coisa. Para evitar essa fuga destrutiva, o instinto vital precisa ser muito forte e poder atuar apenas enquanto a morte permanece como fator desconhecido. Não há palavras que afastem o medo do desconhecido, de modo que o instinto vital os impede de optarem pela morte com uma motivação negativa e destrutiva, porque não conseguem lidar com o que se apresenta agora. Isso fortalece a energia para tentar muitas vezes até finalmente dominar a vida por meio do autoconhecimento, da eliminação dos medos em resultado do entendimento do eu e, portanto, do universo. Nesse processo, surge por fim o entendimento interior de que a morte não é para ser temida – ou é para ser temida apenas na proporção exata em que aspectos da vida e do amor são temidos. Assim, a aguda diferença entre vida e morte, sua dualidade ilusória, começa a esvanecer-se. O verdadeiro entendimento dessas palavras só pode ocorrer quando a vida deixa de ser uma ameaça da qual é preciso fugir, de modo que o instinto da vida deixa de ser um fator que se opõe ao instinto da morte. Os dois passam a ser uma só coisa. Nesse momento, vocês não têm necessidade nem de correr nem de recuar.

Se examinarem os seus movimentos da alma com relação à passagem do tempo e a sua atitude consciente ou inconsciente em relação à vida e à morte, verão que eles são idênticos e que ambos são idênticos às suas atitudes mais íntimas e ocultas com respeito ao amor, independentemente de desejos conscientes e saudáveis nesse sentido. Verão que o medo do desconhecido exerce um papel em tudo isso. Verão que oscilam constantemente entre recuar, por medo, em um movimento contraído, e lançar-se correndo à frente porque não conseguem suportar o momento. É muito raro, de fato, vocês estarem em harmonia com a corrente cósmica da sua manifestação particular de vida, da sua individualidade. É isso o que realmente significa estar em paz consigo mesmo, estar em

harmonia com Deus: não recuar, não forçar o avanço, e sim dissolver-se na corrente da vida, com total posse de si mesmos, mas sem medo de renunciar a essa posse. Essa é a grande experiência que o homem tem a bênção e o privilégio de ter – quando encontra seu parceiro. E esta será, no fim das contas, a experiência da passagem para uma nova forma de consciência.

A chave de tudo isso precisa e só pode estar na autodescoberta nos muitos níveis e áreas em que vocês ainda fogem de encarar a si mesmos. Quando evitam partes de si mesmos, não podem deixar de projetar no exterior, em outros e na vida exterior, o que parece uma assustadora imagem de si mesmos. Assim, a projeção não pode proporcionar paz e libertação, independentemente de quanta satisfação temporária e precária ela pareça proporcionar. Vocês sempre encontram “motivos” e desculpas fora de si mesmos para protegerem o que precisa tanto ser investigado. Isso se aplica a praticamente todos, meus amigos, pelo menos em certas ocasiões. Mas todos também fizeram progressos, e cada pequeno passo na direção certa acabará por desfazer as nuvens, as barreiras entre vocês e essa consciência mais elevada que é uma corrente atemporal. Ela fornece toda a sabedoria, a verdade, a correção de que precisam na vida cotidiana. Alguns de vocês já se utilizaram dessa fonte, já beberam dela, mas depois a perderam. Quando tiverem contato com essa fonte interior de paz e verdade, com a maior ventura do estado de ser e no entanto como experiência vivaz e ativa, e com a correção de todas as respostas que buscam de maneira precisa (e não vaga), compreenderão em profundidade o significado da criação, da mesma maneira como veem o sol, em torno do qual giram todos os outros planetas, enquanto sua luz permanece constante, mesmo que muitas vezes encoberta por nuvens. As nuvens são o seu orgulho, a sua vontade do eu, o medo, a ignorância, a luta contra a onda do tempo, ou a corrida apressada à frente dela. Mas nos momentos em que vocês percebem a sua verdade – por mais que ela seja banal, terrena, aparentemente insignificante em termos de desenvolvimento cósmico – as nuvens se dispersam e o sol quente da sua consciência superior regenera a força e o bem-estar de vocês, com alegria e paz. Esse sol interior está pronto para aquecer e dar mais vida a vocês constantemente, mas vocês, meus queridos, precisam superar muito mais – muito mais! Assim, todos os medos, todo o orgulho e toda a vontade do eu se desprenderão. Dizer que isso já aconteceu, não faz acontecer. Se tivesse acontecido, muitas das suas reações, sentimentos, expressões, o efeito que exercem sobre os outros e dos outros sobre vocês poderiam ser drasticamente diferentes.

Este não é um tópico fácil de entender. Ele exige mais que entendimento mental. Isso, por si mesmo, é muito pouco. Ele exige o entendimento mais profundo do seu ser, que somente pode ocorrer quando vocês enxergam os sentimentos que impedem a sua felicidade neste momento, agora. Se enxergarem seus desejos e medos, suas necessidades, suas apreensões, suas reações – certas ou erradas – neste momento, em cada momento, encontrarão o agora eterno. Nele, vocês podem viver sem medo, com a adequada confiança no desconhecido. Vocês não precisam se tornar perfeitos. Vocês são perfeitos, em certo sentido, quando conseguem calmamente encarar, reconhecer e, com pleno entendimento, aceitar a sua imperfeição atual.

Quando deixarem de lutar contra o eu, livrando-se do orgulho e do fingimento, mas com a disposição de mudar, livrando-se assim da vontade do eu, do medo do eu, do medo dos outros, da vida, do amor, da morte – tudo isso vai se evaporar como o gelo ao sol.

Querem fazer perguntas sobre este tópico, assim de improviso?

PERGUNTA: O que dizer de uma pessoa que não teme a sua própria morte, mas a morte das pessoas que ama? Em outras palavras, se o medo da morte existir em relação a outras pessoas?

RESPOSTA: É bem possível que isso seja uma projeção. Também pode ser uma inversão do medo da vida. Se a pessoa teme a vida, algumas outras pessoas podem representar a segurança de que ela carece. A pessoa pode temer a solidão, a falta de proteção real ou irracional por causa da morte dos outros. Como pode ser que essas facetas não sejam encaradas com uma sensação de vergonha, porque a pessoa pode estar pranteando a pessoa que se foi mais por preocupação por si mesma do que por amor, o medo se torna cada vez mais atormentador, persistente e perturbador. Ao ter a coragem de encarar todas essas possíveis emoções depois de superada a resistência inicial, o medo da morte dos outros diminui. O aspecto amargo e assustador que ela aparenta desaparece, e a pessoa pode então examinar as causas do seu sentimento de impotência. Fazer a associação correta entre o medo ou outras emoções negativas, em vez de deslocá-los, proporciona sempre um alívio.

Mas esse é apenas o começo do trabalho da descoberta da razão pela qual a pessoa teme tanto a vida que precisa se apegar a outros e por que ela não usa suas faculdades inatas para viver plenamente e, portanto, não mais temer a vida ou a morte. Se vocês temem a vida, também temem necessariamente a morte, quer tenham conscientemente essa experiência em episódios em que a vida está ou parece estar em perigo, quer isso se manifeste como o temor pela perda de outros. O medo de lidar com a vida pode se manifestar como medo de perder entes queridos. E também como medo de perder a própria vida. Se essa ainda for uma possibilidade remota, e não uma realidade factual, a proximidade da morte de outros pode desencadear a noção de que isso também ocorrerá com a própria pessoa, algum dia. Mas esse medo ainda é tão vago que ele somente é sentido através de outra pessoa. É somente quando ocorre uma verdadeira confrontação que se pode realmente avaliar se a pessoa tem ou não medo de morrer.

Esta projeção se aplica tanto ao medo de viver sozinho como ao medo da própria morte. Essas duas facetas indicam a mesma coisa, como agora vocês podem concluir com base no conteúdo desta palestra.

Tudo isso precisa ser investigado. Sempre que existe medo da vida, de confrontar um determinado problema, vocês ficam perturbados pelo medo da morte, de uma forma ou de outra. Muitas vezes, a verdadeira raiz – em que aspecto existe medo do eu ou da vida – não pode ser reconhecida de pronto. Ela pode se manifestar apenas por meio de sintomas e é preciso examinar esses sintomas e investigar seu significado. Por exemplo, a atitude de uma pessoa com relação a este trabalho do caminho, declarada e factual, sua atitude para com o sexo oposto, também declarada e real, suas reações às circunstâncias da vida atual – tudo isso precisa ser examinado com o espírito penetrante da verdade. Quando vocês conseguem identificar um medo ou, para usar um termo mais psicológico, uma resistência ao seu eu mais íntimo, podem estar certos de que existe medo da morte em igual medida – e também medo de amar, de se abandonar a essa grande experiência. Procurem, vejam em si mesmos, e terão feito uma grande conquista.

É claro que essas palavras são dirigidas a todos.

Também é importante observar que muitas vezes o homem se engana a esse respeito porque, em sua vida de fantasia, esses medos não existem. Ao falar do medo de amar, da entrega, ele pode negar a existência desses medos, pois tem aguda consciência do fato de que deseja ardentemente

esse preenchimento e o vivência sem inibições na fantasia. Acredita, então, que existem razões externas responsáveis pelo fato de ele não concretizar sua vida de fantasia, razões que nada têm a ver com ele. Mas se ele não conseguir concretizar sua vida de fantasia, existe necessariamente a corrente oposta dentro dele, que impede a experiência por causa do medo. Descobri-la, tirá-la de seu esconderijo também é muito importante. É um enorme passo à frente, em comparação com a crença de que a pessoa não tem obstruções, enquanto elas continuam a existir ocultamente.

Com esta palestra, expus vários caminhos que podem ser usados para explorar o estado real da alma de cada um com relação à vida, ao amor e à morte. Mostrei que a convicção e o sentimento conscientes podem ser apenas um dos lados, enquanto o outro é o de tornar-se consciente para poder se unir à força oposta. Mostrei os diversos sintomas pelos quais é possível identificar essa corrente oculta e oposta. Isso também é da maior importância, e muitas vezes pode tirá-los de um gargalo neste trabalho.

PERGUNTA: O medo de ser abandonado também não pode explicar o medo de perder entes queridos?

RESPOSTA: Sim, foi isso que eu disse no começo – a insegurança, o medo de ter de enfrentar a vida sozinho, portanto o medo da vida em forma pura, depois de decomposto e analisado.

Quando existe medo da vida, existe necessariamente medo do amor e da morte. Quando existe um desses medos, os outros dois também existem. Quando vocês estabelecerem essa ligação em seu íntimo, inevitavelmente terão crescimento, libertação, força, confiança. Não pode ser de outra forma.

Vamos examinar esse tópico mais extensamente quando fizermos o debate sobre ele. Da próxima vez, vamos discutir duas palestras juntas. Espero que todos participem o mais possível com perguntas e exemplos gerais, teóricos, bem como pessoais e práticos, pois esses temas se aplicam a cada um individualmente. É algo que efetivamente vai beneficia-los.

Bênçãos para todos. Não se desesperem, meus amigos, quando perceberem as barreiras de que falei esta noite. A consciência da existência delas contribui mais para afastá-las, do que ignorar sua existência. Peço que percebam e entendam essa importante verdade. Assimilem essa verdade, testando-a, e vão ficar felizes. Sejam abençoados nessa nova consciência, todos vocês. Fiquem em paz, sejam vocês mesmos e, portanto, Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.